

A PAISAGEM MEDITERRÂNEA

Paul Claval *

Colette Jourdain-Annequin **

Resumo: O presente artigo aborda algumas feições da representação da paisagem mediterrânea tanto na Antiguidade quanto na época contemporânea. Dialogando com a geografia, a pintura e a literatura, destacamos a paisagem como um importante fenômeno cultural da história das sociedades.

Palavras-chave: Antiguidade; Paisagem; Mediterrâneo; Cultura.

THE MEDITERRANEAN LANDSCAPE

Abstract: This article approaches some of the features of the representation of the Mediterranean landscape both in Antiquity and in contemporary times. Through incursions in geography, painting and literature, the landscape is shown to be an important cultural phenomena in social history.

Keywords: Antiquity; Landscape; Mediterranean; Culture.

LE PAYSAGE MÉDITERRANÉENNE

Résumé: Cet article signale quelques traits de la représentation de la paysage méditerranéenne soit dans l'Antiquité, soit dans l'époque contemporaine. A travers du dialogue avec la géographie, la peinture et la littérature, on souligne le paysage en tant qu'un important phénomène culturel de l'histoire des sociétés.

Mots-clés: Antiquité; Paysage; Méditerranée; Culture.

* Professor Emérito da Université de Paris-Sorbonne (Paris IV).

** Professora Emérita da Université Pierre Mendès-France, Grenoble.

O mundo mediterrâneo antigo: uma certa unidade, porém não lida em suas paisagens

A idéia segundo a qual o mundo mediterrânico tem uma certa unidade é antiga, manifestada desde a Antiguidade em Roma. Porém, a noção de que suas paisagens guardam uma profunda unidade é algo recente, surgindo apenas no fim do século XIX.

Já na Grécia e na Roma antigas o mundo mediterrâneo era bem conhecido. Ele aparecia como o centro do mundo habitado, do ecúmeno. Era a parte da superfície terrestre de mais intensa circulação e povos os mais civilizados. A maioria dos povos bárbaros morava longe do Mar mediterrâneo e do mundo mediterrânico.

Os antigos gregos e romanos eram mais sensíveis à diversidade do mundo mediterrânico, à oposição entre sua metade oriental e sua metade ocidental (ou entre seus litorais setentrionais e meridionais), que é a unidade de sua fisionomia.

No período medieval, com a conquista árabe e a islamização de uma boa parte dos países mediterrâneos, a percepção da unidade do mundo mediterrâneo desapareceu completamente.

Primeira metade do século XIX : um mundo mediterrânico dividido

Partiremos de um texto muito significativo escrito em 1873 por Vidal de la Blache: *La péninsule européenne. L'Océan et la Méditerranée*. Era o primeiro artigo por ele publicado (VIDAL DE LA BLACHE, 1873). Sua questão era entender as consequências da abertura do canal de Suez (em 1869) sobre os equilíbrios geopolíticos da Europa. Nesta análise, o que faz a unidade do mundo mediterrânico é o papel do mar como eixo da circulação Leste-Oeste. Até 1869 este eixo era fechado do lado oriental. Depois de 1869 ele abre a rota da Índia e do Extremo Oriente, o que significa o fortalecimento do papel geopolítico dos países mediterrânicos. A única menção às paisagens concerne às paisagens vegetais (abordaremos este ponto nas páginas a seguir). Durante o primeiro e o segundo terço do século XIX, o mundo mediterrânico é ainda percebido em sua diversidade e na oposição entre suas partes cristã e muçulmana.

A invenção estética da paisagem mediterrânea no final do século XIX

Para a maioria das pessoas, a paisagem mediterrânea existe desde um passado muito antigo. Ela tem as cores e as formas de sua vegetação: “Os ciprestes inacreditáveis, as longas filas de oliveiras de cor cinza-verde” (Maurice Denis, 1957, p. 123-124), tais

como podemos vê-las nas telas do pintor francês Yves Brayer. Tais formas e cores já estavam presentes na aquarela *Vista de Arco* (1494) do artista alemão Albrecht Dürer (Museu do Louvre). Mas estas imagens não datam de sempre.



Figura 1: *Vista de Arco* (1494), de Dürer

Fonte: <http://www.wikipaintings.org/en/albrecht-durer/view-of-the-arco-valley-in-the-tyrol-1495>

Existia uma natureza mediterrânea na literatura antes do fim do século XIX? Sim, no sentido de que certos lugares foram evocados por sua sedução encantadora, pela beleza de suas paisagens, por suas flores e perfumes. Não, porque são somente pequenas ilhotas. Na primeira metade do século XIX, as pessoas são sensíveis principalmente à polarização entre um mundo mediterrâneo próximo às vezes delicioso, muitas vezes degradado, e um mundo mediterrâneo afastado formado pelo Magreb e pelo Levante. O mundo do mar interior era duplo. O orientalismo comprometeu sua metade oriental e meridional. Atraiu viajantes como René de Chateaubriand, Lord Byron, Alphonse de Lamartine e Gustave Flaubert e fascinou pintores como Eugène Delacroix e Eugène Fromentin.

A luz mediterrânea é por demais forte e estável para seduzir artistas que pensam que a verdade pictural encontra-se no reflexo do sol sobre a água e na multiplicidade de suas tonalidades.

A percepção mudou depois de 1880. Depois de um período em que os artistas foram seduzidos pelo céu variado da Ile-de-France e da Normandie, impressionistas e pós-impressionistas foram atraídos pela Provence, pela Toscana ou por Marrocos. Convidativo para Vincent van Gogh e muitos outros é o sol, a vivacidades das cores. As paisagens mediterrâneas começam a atrair os pintores franceses. A maioria das pinturas que Paul Cézanne consagra a Estaque e a Sainte-Victoire datam dos anos 1880 ou 1890. *Antibes, effets d'après-midi* (Boston, Museum of Fine Arts) de Claude Monet foi pintado em 1888. Paul Signac descobre Saint-Tropez e Collioure durante os anos 1880 (*Collioure. Le Clocher*, 1887, Kröller-Müller Museum). Vincent van Gogh residia em Arlès desde 1887. Pierre Auguste Renoir visita Bordighera e Antibes nos anos 1880, permanece regularmente na Côte-d'Azur nos anos 1890 e instala-se em Cagnes-sur-mer em 1903.

Nas pinturas de van Gogh, é a luz que confere uma força heróica ao dourado dos girassóis e ao trigo queimado por um sol intenso. Na pintura, o mundo mediterrâneo nasce da revelação de sua luz e da qualidade profunda que ela confere aos objetos e aos seres.

Um movimento puramente artístico? Não. Ele é preparado pelo fortalecimento em direção à Antiguidade e pelo novo olhar que as pessoas dirigem a este período histórico. Desde o começo do século XIX, os alemães apaixonam-se pela religião grega porque ela é centrada sobre a natureza. O paganismo antigo conferia ao corpo um espaço essencial. Muito flexíveis, os vestidos permitem desenvolver-se livremente. A nudez não era proscrita. O movimento naturista e o retorno aos esportes (tal como mostra a ressurreição dos Jogos Olímpicos) retiram sua inspiração da Antiguidade.

Através desse retorno a uma certa forma de paganismo e à Antiguidade, renasce o Mediterrâneo. Em todas as partes da Europa a pintura manifesta este movimento. Nas grandes composições de Puvis de Chavannes como *Le Bois sacré, cher aux Arts et aux Muses* (escada do Museu de Lyon), *Le Bois sacré* (Anfiteatro da Sorbonne), *Les Muses* (Museu d'Orsay), as figuras que se movem nos bosques sagrados estão vestidas com trajes antigos.

Os arquitetos inspiram-se novamente na Grécia e na Itália antigas — mais nas residências que nos templos. O que os atraía era o contato das mesmas com a natureza, os átrios, as colunatas, as pérgolas. Vegetação e natureza foram construídas juntas. Um magnífico exemplo deste tipo de arquitetura pode ser observada na estância balneária de San Agaro perto de Barcelona, na Catalunha. Ela foi concebida para aparecer realmente como mediterrânea. E este Mediterrâneo não é somente o de suas margens européias, mas sim todo o Mar Interior.

O descobrimento da unidade geográfica da paisagem mediterrânea no fim do século XIX

Já em seu artigo de 1873, Vidal de la Blache notava que a mesma vegetação caracterizava todos os litorais do Mediterrâneo. Porém, ele não tinha uma explicação a respeito, algo proposto em 1879-1880 pelo geógrafo e climatólogo Théodore Fischer. Ele mostrou que a unidade do clima mediterrâneo provinha de seu clima, o único no mundo onde a estação quente é seca. Em 1886, o botânico francês Charles Flahaut destacou os efeitos que a falta da água no verão impunha às plantas. Era a razão pela qual o limite da oliveira coincidia com o limite do clima mediterrâneo.

A agricultura e a criação de gado, carneiros e cabras são difíceis nas terras onde a falta d'água para o crescimento das plantas acontece no momento em que a temperatura e o soalheiro são mais favoráveis. Como o mostrou Vidal de la Blache no artigo *Des rapports entre les populations et le climat sur les bords européens de la Méditerranée*, os homens inventam gêneros de vida adaptados a essas condições (VIDAL DE LA BLACHE, 1886). Esses gêneros de vida não mudaram muito desde o tempo que Hesíodo os analisava (sete séculos antes de Cristo). As paisagens rurais testemunham a permanência desses gêneros de vida. Elas são caracterizadas pela presença de uma dupla trilogia: uma dos usos do solo e outra dos cultivos.

Primeiro, a trilogia dos usos do solo. Cada cidade tende a distinguir três tipos de utilização do solo: no centro e nas áreas onde as terras são mais férteis, uma zona de campos; nas colinas, onde os solos aparecem já mais pobres, uma zona de bosques, de clareiras e de pastagem; na periferia da cidade, onde a natureza é mais selvagem, a vegetação natural subsiste. Daí a distinção pelos agrônomos romanos do *ager*, do

saltus e da *silva*. A *chôra* dos gregos coincidia com o *ager* romano. A *eschatie* dos gregos reagrupava o *saltus* e a *silva* dos romanos.

Uma segunda trilogia caracterizava as culturas no *ager* (na *eschatie*): trigo (ou cevada), vinho, oliveira. O trigo (ou cevada) porque é um cereal precoce: as chuvas da primavera, antes da seca do verão, são suficientes para o seu crescimento. A vinha e o oliveira porque têm longas raízes e, desta maneira, podem extrair água do subsolo durante o verão. Trigo, vinha e oliveira são muitas vezes cultivadas nas mesmas parcelas — os campos são plantados de árvores.

Existe complementaridade entre os meios ambientes mediterrâneos: as montanhas carecem de pastagens no inverno; nas planícies, a grama cresce bem durante esta estação — daí movimentos de transumância entre serras e zonas baixas. Quando a colheita é muito abundante nas zonas irrigadas, ela é insuficiente nas zonas de colinas: daí fluxos econômicos importantes entre colinas e planícies irrigadas. O resultado foi a formação de entidades políticas que combinavam os diversos meios ambientes das zonas mediterrâneas. As costas rochosas oferecem muitos sítios de portos: nas *Riviera* (palavra italiana para qualificar este tipo de costa), o desenvolvimento da vida marítima e do comércio foi precoce, assim como a emergência de talassocracias.

O inventário das paisagens mediterrâneas e suas interpretações iniciado por Vidal de la Blache progrediu rapidamente na primeira parte do século XX: Emile-Félix Gautier no Magreb, Johann Cvijic e Georges Ancel nos Balcãs, Jacques Weulersse no Levante e Xavier de Planhol na Turquia. Em 1953, Pierre Birot e Jean Dresch propõem uma visão sintética das paisagens agrárias mediterrâneas (ver CLAVAL, 2007). Fernand Braudel completa esta análise e oferece as mais ricas perspectivas sobre o mundo mediterrâneo e suas paisagens (BRAUDEL, 1949, 1979 [1967]).

O Mediterrâneo dos geógrafos nasceu do descobrimento das particularidades de seu clima; porém, o estudo dos gêneros de vida evitou os perigos do naturalismo. A interpretação das paisagens tradicionais do mundo mediterrâneo, de sua gênese, de sua complementaridade e de sua permanência, é fascinante. Ela nutriu a maioria das pesquisas de sociólogos, historiadores e antropólogos no fim do século XIX e na primeira metade do século XX.

Os gregos antigos e as paisagens mediterrâneas

Como as paisagens eram percebidas nas sociedades antigas? De forma muito diferente das que acabamos de examinar.

Os gregos antigos e a paisagem

Na literatura grega não existiam descrições de paisagens — mesmo para um autor como Pausanias. Este grego viveu no século II de nossa era. Ele escreveu a *Periegesis*, um guia apresentando aos viajantes romanos e gregos a parte central da Grécia antiga. O seu alvo foi descrever o que estava no centro da cultura grega: para ele, era a religião. Daí um trabalho que apresenta todos os monumentos religiosos, todos os templos, todas as estátuas sagradas de Atenas, de Esparta, de Delphi, de Olímpia etc. Para os historiadores modernos trata-se de documento inestimável. No entanto, Pausanias ignorava as paisagens — salvo algumas impressões gerais e vagas como as de que o sítio de Olímpia era harmonioso.

Geógrafos antigos como Estrabão falaram das paisagens? Não, salvo alguns casos excepcionais e intrigantes: o próprio Estrabão falou da planície da *Crau* na parte sul da França perto de Marseille. Ela se apresentava como uma planície perfeita, mas foi (e é) completamente coberta de pedras. Por que? A explicação de Estrabão é muito curiosa: porque Zeus fez chover estas pedras para dispersar o povo local dos Ligures que ameaçavam seu filho Hércules.

Uma impressão geral: no Mediterrâneo, os gregos estavam mais sensíveis às diferenças que às semelhanças. Eles opunham ao mundo fragmentado do Mar Egeu os espaços extensos do Sul da Ibéria (da Espanha): para eles, um verdadeiro *Far West* mediterrâneo!

Podemos encontrar também na literatura geográfica algumas indicações mais precisas: Estrabão notava que a vinha e a oliveira estavam presentes na Gália (a França antiga) mediterrânea porém faltavam ao norte da Gália.

Através destas raras indicações, o mundo mediterrâneo dos gregos aparece como muito ‘heteróclito’, sem unidade — a qualificação vem de Fernand Braudel.

A paisagem mediterrânea: o espaço vivido pelos gregos

As descrições de paisagens estiveram ausentes durante a Antiguidade, mas os gregos e os romanos viviam em espaços humanizados. Através de seus sentidos e dos alimentos que comiam, pode-se construir uma idéia dos ambientes e das paisagens onde eles se desenvolviam.

Hesíodo viveu no século VII antes de Cristo. Para ele, como para os gregos da época, o Mediterrâneo não existia, a Grécia não existia. O único quadro territorial que tinha um sentido, uma realidade, era a cidade: a Grécia contava setecentos e cinquenta cidades numa área menor que o Estado do Rio de Janeiro!

“Do universo e do mundo, os gregos antigos conheciam essencialmente o mundo mediterrâneo mas sem perceber sua profunda unidade. Eles eram mais sensíveis à sua diversidade. A invenção da paisagem como categoria estética ainda não havia sido operada, porém ela era profundamente vivida.”

O território das cidades era geralmente montanhoso. O cume das serras oferecia a lenha e a madeira de seus carvalhos e as bolotas para criar porcos. A parte média das vertentes tinha muitas abelhas (logo, muito mel). A parte baixa da serra fornecia a lã de suas ovelhas. Ao pé das serras, existiam planícies férteis onde o trigo era cultivado.

Para Aristófanes, o campo oferecia trigo, cebolas, favas, ervilhas, lentilhas, vinho, queijo. As pessoas comiam pássaros e gostavam particularmente dos sabiás. Lebres também

eram muito apreciadas. Cada cidade tinha suas especialidades: a Beócia oferecia seus patos; Megara, pepinos, alho, leitões. A oposição entre *chôra* e *eschatie* podia ser lida através destes inventários de víveres.

A situação era semelhante em Roma. As *Geórgicas* de Virgílio ofereciam um quadro preciso da agricultura e das paisagens rurais da antiga Itália. O livro contava quatro partes. A primeira tratava essencialmente do cultivo dos cereais, trigo e cevada. A segunda parte focalizava a arboricultura e, mais especialmente, o cultivo da vinha. A terceira parte analisava a criação dos bois, dos carneiros e das cabras. A quarta parte era consagrada à apicultura, muito mais importante durante a Antiguidade que normalmente imaginamos.

Ao lado de uma descrição dos cultivos e de seus produtos, a literatura latina oferecia indicações interessantes sobre a paisagem sonora: os autores falavam muito do canto das cigarras no verão.

Gregas ou romanas, as descrições sempre destacam a estreita ligação entre atividades agrícolas e cultos agrários. A paisagem rural, como todas as paisagens antigas, era sagrada porque a natureza era sagrada.

O escudo de Aquiles: uma visão sintética do mundo antigo

Existia na literatura antiga um exemplo extraordinário e muito antigo de descrição da paisagem. Na *Ilíada*, Homero descreveu o escudo de Aquiles, verdadeira obra de arte. O escudo oferecia uma representação da totalidade do mundo. Ele apresentava a terra como um território circundado pelo rio Oceano. A terra era representada por duas cidades. A primeira vivia em paz. Os jovens dançavam. Um tribunal estava reunido. A segunda estava em guerra. Dois exércitos cercavam-na. No campo, era o tempo da colheita. Havia um vinhedo. Rebanhos e manadas pastavam a grama das pradarias.



Figura 2: Escudo de Aquiles interpretado por Angelo Monticelli em *Le Costume Ancien ou Moderne* (cerca de 1820).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Angelo_monticelli_shield-of-achilles.jpg

O escudo mostrava a estrutura profunda da sociedade grega antiga com suas três funções: a função administrativa e política na cidade em paz, a função guerreira na cidade em guerra e a função produtiva no campo. Desta maneira, ele oferece uma interpretação da geografia global (a terra e o rio Oceano), da geografia regional (a organização do espaço por cidades) e das bases agrícolas da vida coletiva.

Cultos eram realizados por toda parte, lembrando que o universo era animado por deuses reverenciados pelos homens.

Conclusão

Para os gregos antigos, um mundo centrado na Europa...

Do universo e do mundo, os gregos antigos conheciam essencialmente o mundo mediterrâneo mas sem perceber sua profunda unidade. Eles eram mais sensíveis à sua diversidade. A invenção da paisagem como categoria estética ainda não havia sido operada, porém ela era profundamente vivida. Ela estava associada a todos os momentos da vida, a todos os produtos, a todos os cultos.

A paisagem era integrada num conjunto de construções mentais: a cidade e suas margens e as três funções das sociedades indo-européias.

Tanto para os gregos antigos como para os modernos, um espaço a dominar

Para os gregos confinados nos espaços estreitos do Mar Egeu, havia a Oeste um mundo diferente e rico com recursos ilimitados. Os discursos sobre os países e as paisagens mediterrâneas eram interesseiros. A longa viagem de Hércules reconduzindo o gado de Geryon (na região de Gibraltar, a Oeste do Mar Mediterrâneo) até a Grécia preparava e justificava a colonização do Ocidente mediterrâneo pelos gregos.

A imagem que os europeus constroem do Mediterrâneo no fim do século XIX tem um papel semelhante: justificar o controle e a dominação da Europa sobre as margens meridionais e orientais do Mar: dos franceses e espanhóis sobre o Magreb, dos italianos sobre a Líbia, dos ingleses sobre o Canal de Suez e o Egito – depois da Primeira Guerra Mundial, do controle da totalidade do Oriente árabe pela Inglaterra e pela França.

A idéia era a seguinte: a oposição entre terras cristãs e terras muçulmanas pertencia ao passado. Uma forma de civilização nova, mais próxima do gênio típico do Mediterrâneo, havia sido inventada pelos europeus. Esta forma de civilização, herdeira das civilizações do passado (grega ou romana) e, em um certo sentido, do paganismo antigo, tem de se impor sobre a totalidade da bacia mediterrânea. Esta construção foi feita para unir as duas bordas do Mediterrâneo – sob dominação européia.

Bibliografia

Fontes antigas – Autores mais citados:

Aristophane, *Les Acharniens, La Paix, Les Oiseaux*

Caton l’Ancien, *De agricultura*

Diodore de Sicile, *Bibliothèque historique*

Hésiode, *Les Travaux et les Jours*

Homère, *L’Iliade*

Pausanias, *Périégèse*

Strabon, *Géographie*

Varron, *Res Rustica*

Virgile, *Les Géorgiques*

As traduções são geralmente da *Collection des Universités de France* (Coleção Budé), Paris, *Les Belles Lettres*.

Fontes Modernas:

ANCEL, J. *La Macédoine. Etude de colonisation contemporaine*. Paris : Delagrave (1923).

ANCEL, J. *Peuples et nations des Balkans*. Paris: A. Colin (1926).

AYMARD, M. Espaces. In: BRAUDEL, Fernand (Ed.). *La Méditerranée. L'Espace et l'histoire*. Paris: Flammarion (1985).

- BARIDON, M. *Naissance et renaissance du paysage*. Arles: Actes Sud (2006).
- BIROT, P. & DRESCH, J. *La Méditerranée et le Moyen-Orient, Tome 1: La Méditerranée occidentale*. Paris: P.U.F. (1953).
- BLOCH, M. *Les Caractères originaux de l'histoire rurale française*. Oslo: Institut pour l'Etude comparée des Civilisations (1931).
- BRAUDEL, F. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: A. Colin (1949).
- BRAUDEL, F. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme. Tome I : Les structures du quotidien: le possible et l'impossible*, Paris, Armand Colin (1967).
- BRAUDEL, F. (ed.). *La Méditerranée. 1- L'Espace et l'histoire, 2- Les Hommes et l'héritage*, Paris: Arts et Métiers Graphiques, 2 vol. (1977).
- BRUNHES, J. *L'Irrigation dans la péninsule ibérique et dans l'Afrique du Nord*. Paris: Naud (1902).
- CLAVAL, P. Les géographes français et le monde méditerranéen. *Annales de Géographie*, vol. 97, n° 542, juillet-août (1988)
- CLAVAL, P. Le Val d'Arco. In: ANDREOTTI, G., SALGARO, S. (eds.). *Geografia culturale ed esperienze*. Trento: Artimedia (2001).
- CLAVAL, P. About Rural Landscapes : The Invention of the Mediterranean and the French School of Geography. *Die Erde*, vol. 138, Heft 1, 2007 (2007).
- CVIJIC, J. *La Péninsule balkanique. Géographie humaine*. Paris, A. Colin (1918).
- DEFFONTAINES, P. *El Mediterraneo*. Barcelona: Juventud (1972 [1948]).
- DEFFONTAINES, P. *Geografia de Catalunya*. Barcelona: Aedos (1958).
- DEFFONTAINES, P. *La Méditerranée catalane*. Paris: P.U.F. (1975).
- DENIS, M. Lettre du 23 novembre 1897, reprise dans *Journal*, tome 1 (1884-1904), Paris: La Colombe, Editions du Vieux Colombier (1957).
- DION, R. *Essai sur la formation du paysage rural français*. Tours:Arrault (1934).
- DUMÉZIL, G. *L'Idéologie tripartite des Indo-Européens*. Bruxelles: Collection Latomus, 31(1958).
- FABRE, D. & LACROIX, J. (eds.) *Communautés du Sud*. Paris: Union générale d'éditions, 2 vol. (1975).

- FAUCHER, D. *Plaines et bassins du Rhône moyen entre Bas-Dauphiné et Provence*. Paris: A.Colin (1927).
- FISCHER, Th. Studien über das Klima der Mittelmeerländer. *Petermanns Mitteilungen*, 13, 58 (1879-1880).
- FLAHAUT, C. Les limites de la région méditerranéenne. *Bulletin de la Société Botanique de France*, 33 (1886).
- GAUTIER, E.-F. *Le Passé de l'Afrique du Nord. Les siècles obscurs*. Paris: Payot (1937).
- GENTY, G. Temps intime, temps de la nature, temps de l'histoire. Le 'Printemps' dans la peinture des Nabis. In: LECOMTE, V., STAHL, F. (dir.). *Maurice Denis et l'éternel Printemps*. Giverny: Musée des Impressionismes (2012)
- GEORGE, P. *La Région du Bas-Rhône*. Paris: Baillière (1935).
- JOURDAIN-ANNEQUIN, C. *Héraclès aux portes du soir. Mythe et histoire*. Besançon/Paris : Annales Littéraires de l'Université de Besançon (1989).
- JOURDAIN-ANNEQUIN, C. Paysage interprété, paysage volé : la Crau entre géographie et imaginaire grec. In : LEVEQUE, L. (ed.). *Paysages de mémoire*. Paris : L'Harmattan (2006).
- LECOMTE, V., STAHL, F. (dir.). *Maurice Denis et l'éternel Printemps*. Giverny : Musée des impressionismes (2012).
- LE LANNOU, M. *Pâtres et paysans de Sardaigne*. Tours: Arrault (1942).
- PLANHOL, X. de. *Le Monde islamique. Essai de géographie religieuse*. Paris: P.U.F. (1957).
- PLANHOL, X. de. *De la plaine pamphylienne aux lacs pisidiens. Nomadisme et vie pastorale*. Paris: Maisonneuve (1958).
- PLANHOL, X. de *Les Fondements géographiques de l'histoire de l'Islam*. Paris: Flammarion (1968).
- PLANHOL, X. de. La Turquie. In : Mariel, J.-Brunhes-Delamaare, P. Deffontaines et A. Journaux (eds.). *Géographie régionale*. Paris: Gallimard (1975).
- RECLUS, E. *Nouvelle Géographie universelle, Tome 1 : L'Europe méridionale*. Paris: Hachette (1883).
- REWALD, J. *Histoire de l'impressionnisme*. Paris: A. Michel (1955).

- SION, J. *La France méditerranéenne*. Paris: A. Colin (1941 [1934]).
- SION, J. *L'Italie*. In: Sorre, M. & Sion, J. (Eds.). *Péninsules méditerranéennes*. Paris, A. Colin, vol. 2. (1935).
- SORRE, M. *Les Pyrénées méditerranéennes*. Paris: A. Colin (1913).
- SORRE, M. *Généralités. Espagne, Portugal*. In: Sorre, M. & Sion, J. *Péninsules méditerranéennes*. Paris: A. Colin, vol. 1 (1934).
- SORRE, M. & SION, J. *Péninsules méditerranéennes*. Paris: A. Colin, 2 vol. (1934-1935).
- STASZAK, J.-F. *Géographies de Gauguin*. Paris, Bréal (2003).
- TAINÉ, H. *Carnets de voyage*. Paris: Hachette (1863/1865).
- VARIII AUCTORES. *L'Impressionnisme et le paysage français*. Paris: Editions de la Réunion des Musées Nationaux (1985).
- VARIII AUCTORES. *Méditerranée. De Courbet à Matisse*. Paris: Editions de la Réunion des Musées Nationaux (2000).
- VIDAL DE LA BLACHE, P. *La péninsule européenne. L'Océan et la Méditerranée*. Leçon d'ouverture au cours d'histoire et géographie de la faculté des lettres de Nancy. Nancy-Paris, Berger-Levrault (1873).
- VIDAL DE LA BLACHE, P. Des rapports entre les populations européennes et le climat sur les bords européens de la Méditerranée. *Revue de Géographie*, 10 (1886).
- VIDAL DE LA BLACHE, P. *États et nations d'Europe. Autour de la France*. Paris: Delagrave (1889).
- VIDAL DE LA BLACHE, P. *Tableau de la géographie de la France*. Paris: Hachette (1903).
- VIDAL DE LA BLACHE, P. Les grandes agglomérations humaines. Régions méditerranéennes. *Annales de géographie*, 27 (1918). Repris dans *Principes de géographie humaine* (1922).
- VIDAL DE LA BLACHE, P. *Principes de géographie humaine*. Paris: A. Colin (1922).
- WEULERSSE, J. *Les Paysans du Moyen-Orient*. Paris: Gallimard (1946).
- YOSHIDA, A. La structure de l'illustration du bouclier d'Achille. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire* (1964).